



CAVALLERI, Giorgio. Dietrich Bonhoeffer, mártir do nazismo. Traduzido por Hugo C. de S. Cavalcante. São Paulo: Paulinas, 2019, 176 p. ISBN: 978-85-356-4491-3

Carlos Ribeiro Caldas Filho *

O ano de 2020 marca o 75º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial e, coincidentemente, o 75º aniversário da execução, por ordem direta do próprio Adolf Hitler, de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), pastor luterano alemão, um dos mais destacados e influentes teólogos do século XX e deste início do XXI. O lançamento de mais uma biografia do protestante alemão Bonhoeffer por um italiano católico é evidência eloquente do interesse que o teólogo, que foi morto antes de completar 40 anos, segue despertando ao redor do mundo. De fato, Bonhoeffer é um dos raros teólogos que atrai a atenção de protestantes e de católicos, de pensadores conservadores e de progressistas, de estudiosos jovens, como graduandos em teologia, e de pesquisadores veteranos, de estudiosos do “Norte” (ocidentais norte-atlânticos) e do “Sul Global” (brasileiros, sul-africanos e australianos) e de asiáticos.

Neste sentido, é bem-vindo o lançamento no Brasil da biografia de Bonhoeffer pelo escritor italiano Giorgio Cavalleri. A obra é pequenina, pois tem apenas quatro capítulos – na verdade, o Sumário da obra apresenta cinco, mas efetivamente são quatro, visto que o apresentado como sendo o quinto capítulo seria mais bem caracterizado como um apêndice, pois traz a reprodução de algumas poesias escritas por Dietrich Bonhoeffer. Há ainda uma cronologia do

Resenha recebida em 08 de julho de 2020 e aprovada em 28 de fevereiro de 2021.

* Doutor em Ciências da Religião. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: crcaldas2009@hotmail.com

biografado e uma seleção de fotos cobrindo desde antes do seu nascimento até sua morte – a primeira foto é de 1898, apresenta o casal Paula von Hase e Karl Bonhoeffer, os pais de Dietrich, e as duas últimas apresentam respectivamente o campo de concentração em Flossenburg, onde Dietrich Bonhoeffer foi executado, no dia 9 de abril de 1945, e o monumento inaugurado em 1998 em homenagem aos mártires cristãos do século XX na Abadia de Westminster em Londres (Bonhoeffer é um dos dez homenageados).

O texto de Cavalleri é ágil e fluente, e bem embasado em trabalhos que o antecederam, especialmente a biografia escrita por Eberhard Bethge, ex-aluno e amigo próximo de Bonhoeffer, ainda não disponível em português, que segue considerada a biografia definitiva do jovem teólogo. Considerando que algumas das obras do próprio Bonhoeffer consultadas por Cavalleri em italiano estão disponíveis em português, talvez a editora pudesse ter optado por minimamente tê-las citadas, indicando-as assim para os leitores brasileiros. Exemplo: mais de uma vez Cavalleri cita *Sequela*, a tradução italiana de *Nachfolge*, publicado no Brasil como *Discipulado*. Ajudaria aos leitores brasileiros uma nota de rodapé pelo menos indicando que este (e outros) texto de Bonhoeffer está publicado no Brasil. Outro exemplo: em dezembro de 1944 Bonhoeffer escreveu uma bela poesia intitulada *Von guten Mächten*, traduzida na edição de Cavalleri como “Dos poderes benignos” (p. 146-147). Talvez a versão brasileira da obra de Cavalleri pudesse ter indicado que a poesia em questão consta da edição nacional de *Resistência e Submissão* (“Por bons poderes”. *Resistência e Submissão*. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 556-557). Outro ponto a se observar quanto a tradução: Bonhoeffer em seus escritos usa a palavra *Jude* – “judeu”, enquanto o texto da edição brasileira da obra de Cavalleri opta sempre por “hebreu”, o que parece ser uma tradução do italiano *ebreo*, ou seja, um falso cognato. Em outras palavras: teria sido melhor traduzir o *ebreo* usado por Cavalleri não por “hebreu”, mas por *judeu*.

Não obstante o dito no parágrafo anterior, a obra de Cavalleri é útil para os estudiosos de Bonhoeffer. Merecem destaque especial os capítulos 3 e 4. O 3 tem por título *Uma comovente história de amor* (p. 91-127), e trata do namoro e

noivado de Bonhoeffer com Maria von Wedemeyer, 18 anos mais jovem que ele. Os dois não se casaram, pois Bonhoeffer, por conta de seu envolvimento ativo com a resistência alemã a Hitler, foi preso como conspirador e, tal como indicado brevemente no início desta resenha, executado. O 4 é intitulado *A fé como responsabilidade encarnada na história* (p. 129-137), e apresenta um resumo muito bem feito de toda a teologia de Bonhoeffer. A citação a seguir exemplifica bem a síntese precisa feita por Cavalleri:

Quem é Deus para o crente Bonhoeffer? Não certamente o Deus da religião, mas o Deus que é para os outros. A fé de Bonhoeffer não é uma fé genérica em Deus e na sua onipotência, mas uma fé vital em Jesus Cristo, uma participação real no modo de ser de Jesus para os outros, amigos e inimigos. (p. 137).

Há que se destacar que, a despeito da brevidade da biografia produzida por Cavalleri (que contrasta, por exemplo, com a mencionada biografia de Bethge, monumental com suas mais de mil páginas), a obra é útil e merece ser lida com atenção. Cavalleri é feliz em suas inserções interpretativas dos textos de Bonhoeffer. Ele não se limita a mencionar fatos, datas e lugares. Antes, de maneira resumida, mas precisa, apresenta seu entendimento quanto à teologia de Bonhoeffer, demonstrando assim estar familiarizado com os textos bonhoefferianos.

A teologia de Bonhoeffer tem inegáveis densidade teórica e relevância prática. Espera-se que sua biografia pelo italiano Giorgio Cavalleri incentive mais leitores brasileiros a conhecer mais o pensamento do teólogo que encarnou seu compromisso cristão com sua própria vida, assumindo-o até as últimas consequências.